

## SIMPÓSIO AT157

### SUJEITOS NO LIXO: (RE) SIGNIFICAÇÃO E RESISTÊNCIA NO DOCUMENTÁRIO “LIXO EXTRAORDINÁRIO”

CAEIRO, Leila Marli de Lima  
CEFET-MG  
leila.caeiro@gmail.com

**Resumo:** O objetivo deste artigo foi analisar discursivamente fragmentos narrativos dos sujeitos que lidam com o lixo no documentário Lixo Extraordinário, no que se relaciona à (re) significação e à resistência. O documentário narra a história de alguns personagens a partir de sua interlocução com o artista plástico Vik Muniz. O lixo pode ser percebido como um espaço-arquivo que ganha novos significados para esses sujeitos. Para tecer a análise, usamos a Análise do Discurso (AD), a partir da perspectiva dos autores Saussure (2006) e Barthes (1990; 2013). Como resultado preliminar, compreendemos que os trabalhadores dos aterros sanitários, ao fazerem a separação do material, atribuem novos significados ao lixo e conseguem a partir desse exercício (re) significar-se no mundo do trabalho e na sociedade. Assim, mesmo diante de uma montanha de lixo, eles resistem. O aterro funciona como um tapete para onde é varrido tudo o que se quer esconder.

**Palavras-chave:** Análise do discurso; Lixo extraordinário; (re)significação; resistência;

**Abstract:** The aim of this article was to analyze discursively narrative fragments of the subjects that deal with garbage in the documentary Trash Extraordinário, in what is related to (re) signification and resistance. The documentary tells the story of some characters from his dialogue with the plastic artist Vik Muniz. The garbage can be perceived as a space-file that gains new meanings for these subjects. To weave the analysis, we use Discourse Analysis (AD), from the perspective of authors Saussure (2006) and Barthes (1990; 2013). As a preliminary result, we understand that landfill workers, by separating the material, attribute new meanings to the garbage, and can from that exercise (re) signify themselves in the world of work and society. So, even in front of a mountain of garbage, they resist. The landfill works like a carpet where everything you want to hide is swept away.

**Keywords:** Speech analysis; Lixo extraordinário; (re) significance; resistance.

#### Introdução

A proposta desse estudo é compreender, por meio da análise do discurso, como os sujeitos (re)significam os materiais que encontram no lixo e como isso pode demonstrar uma forma de resistência. Partimos dos fragmentos narrativos dos protagonistas que lidam com o lixo. no documentário

*Lixo Extraordinário*, do artista plástico Vik Muniz. A experiência vivida por esses sujeitos pode confirmar como a sociedade nega e tenta apagar alguns grupos, porém, ao assumirem o discurso, esses sujeitos falam da luta que travam no dia a dia de trabalho, buscando (re) significar o lixo e também a própria vida.

O documentário *Lixo Extraordinário*, lançado em 2010, com 90 minutos de duração, é uma produção anglo-brasileira de grande repercussão internacional, que foi indicada para o prêmio Oscar em 2011. A obra busca registrar o trabalho de Vik Muniz (VM) com recicladores no maior aterro sanitário da América Latina, localizado no Jardim Gramacho, bairro da periferia de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro.

O narrador principal da obra filmica é o próprio artista que registra o desdobramento de seu trabalho com os catadores de material reciclável a partir de fotografias. O objetivo foi o de produzir retratos desses catadores usando como referência obras famosas de outros artistas já consagrados e, ao fazer isso, o artista pretendeu, também, oportunizar que esses sejam reconhecidos e ao mesmo tempo tenham participação financeira no processo. Assim, Vik Muniz seleciona sete pessoas do lugar e produz, a partir de fotos, grandes painéis usando os materiais coletados no aterro para compor as imagens. As obras de arte foram expostas no exterior e vendidas em leilões, sendo o valor arrecado destinado para os trabalhadores.

## **1 Significando, (re) significando e resistindo**

Como a (re) significação e resistência são pontos chave em nosso trabalho, entendemos que o conceito de signo torna-se fundamental para melhor discutí-los. Assim, consideramos que Saussure (2006, p. 80), em seu *Curso de Linguística Geral*, atenta-nos para o conceito do signo linguístico que é o que “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Para Saussure (2006), a língua só pode ser entendida como um sistema de valores puros tendo em vista que, para seu funcionamento, entram no jogo as ideias e os sons. Assim, o signo linguístico é composto pelo significante (conceito) e pelo significado (imagem acústica).

O semiólogo e filósofo francês, Roland Barthes (1990, 2013), introduz novos conceitos de signo linguístico encarando-os, unicamente, do ponto de vista da significação e, desse modo, alarga a noção de língua e de signo a tudo que significa. O autor oferece aporte para discutirmos as camadas denotativas e conotativas da linguagem, considerando o discurso verbal e imagético. Nesse sentido, ao ver as cenas no lixão, a primeira ideia que se tem é exatamente de um mundo paralelo, onde pessoas, praticamente invisíveis, sobrevivem de maneira desumana. São montanhas de lixo sendo reviradas e, no meio delas, os protagonistas do documentário que constituem o cenário fílmico.

A grande temática dos documentários perpassam a questão do lixo. O lixo, considerado socialmente como tudo aquilo que descartamos, por não ter mais utilidade para nós, está diretamente relacionado às questões ambientais, sanitárias, educativas e econômicas. Outro processo importante do lixo é o de reciclagem, assim, os lixos secos (papel, papelão, plástico, metal, vidro inteiro, óleo de cozinha); o verde (resto de podas ou cortes, madeira, serragem, cavaco de madeira); e de descarte especial (pilha, bateria, embalagem de agrotóxico, vidro quebrado, material hospitalar, lâmpadas, equipamentos eletrônicos e de informática) são recicláveis e possuem valor econômico.

Calvino (2000 p. 79) relata que o ritual de coleta e bota fora do lixo faz parte de um imaginário compartilhado por todas as sociedades, quando deixar o lixo fora é livrar-se dos restos com os quais não queremos mais contato. Assim, nos lixões ou aterros de nossa comunidade/cidade estão um pouco de nossa memória, daquilo que, de certa forma, apagamos. No lixo, então, estão nossas marcas, e por meio dele podemos reconstruir nossas memórias. Calvino (2007) trabalha com uma ideia metafórica do lixo, pois jogamos fora o que não cabe em nós e o que fica seria o nosso eu. Para ele, o conteúdo da lixeira representa a parte de nosso *ser* e *ter* que precisa ir embora para que outra parte desse sujeito saia da sombra e ganhe a luz. Considerando o exposto por Calvino (2007), os objetos encontrados no lixo podem representar a história de um sujeito, sendo possível relacionar o espaço e tempo em que

ocorreu. Assim, o lixo pode ganhar novos significados, ou seja, ser (re) significado pelo outro.

O processo de resistência pode ser entendido como todo movimento que questiona as formas de poder que vigoram. Para Foucault (2013 p. 100), em se tratando de discurso, “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. Nesse sentido, partimos do pressuposto que a luta cotidiana dos trabalhadores em aterros sanitários é um ato de resistência, pois, apesar de todas as mazelas sociais enfrentadas, esses sujeitos insistem em encontrar um trabalho “honesto” dentro do espaço social. Dessa forma, (re) significar a própria existência ao transformar o lixo em meio de sobrevivência é resistir diante das desigualdades sociais.

## 2 O corpus, o método, as análises

A presente pesquisa é exploratória, descritiva e de cunho qualitativo, visto que propõe uma análise do discurso de um grupo de recicladores no documentário Lixo Extraordinário. Ao analisar esse *corpus*, enfatizamos a questão do sujeito que ao contar parte da sua história, faz um resgate de si mesmo, de suas reminiscências, que tende a reforçar imaginários e/ou a produzir novos significados para o lixo e também, para sua própria vida.

O primeiro excerto, reproduz parte do diálogo entre o personagem Valter e Vik Muniz. Valter dos Santos é um dos moradores mais antigos, é reciclador há 26 anos e mostra ter orgulho de sua profissão.

(01) alô, galera! A *luta* é grande companheiro, mas a vitória é certa! Ser *pobre* não é ruim, ruim é ser rico, no mais alto degrau da fama, com uma *moral coberta de lama*. Aí é que é ruim. (Valter)

(02) *Pra quê isso e por quê isso?* (Valter)

(03) Muito bem, então com tudo que o senhor falou, no meu entender, isso é muito bom pra nós, porque isso leva o nosso *reconhecimento* de nossa *classe* como *catadores*, não é mais ou menos por aí?! (Valter)

(04) Vocês entendam a minha linguagem porque eu não tenho estudo nem primário e nem superior, *vocês não me pediram, mas eu vou me apresentar a vocês*. Gosto de me apresentar

com a *minha viva voz*. Sou catador aqui há 26 anos, *tenho orgulho de ser catador*, (...) sou representante aqui dentro do aterro de 2500 catadores, tá. Isso eu carrego com *orgulho*. (Valter)

(05) (...) eu tento *convencer* as pessoas que *o que é o material reciclável e qual é o material orgânico*. *Que que ele deve de fazer*, às vezes ele diz assim: mas uma latinha... Uma latinha tem grande importância porque *99 não é 100* e essa uma vai completar. (Valter)

Valter parecia não fazer parte dos personagens selecionados para atuarem como protagonistas do documentário, porém assume um lugar dentro do discurso fílmico ao tomar para si a palavra e ao impor-se e expor-se no trabalho que Vik Muniz estava realizando no local. Há na postura de Valter uma quebra do silêncio imposto a ele. O movimento que ele faz é de deslocar-se da invisibilidade discursiva para o protagonismo. Ele interpela e se e se posiciona como sujeito que integra o mundo que está sendo exposto pela filmagem se coloca no discurso e essa atitude pode ser interpretada como resistência.

No discurso de Valter (excerto 05), fica claro o quanto o catador conhece de seu trabalho e como assume um papel de orientador para os demais, fazendo com que estes passem a atuar como profissionais dentro do aterro. O discurso de Valter reproduz um discurso ambientalista, fazendo emergir uma consciência cidadã, preocupada com os rumos do lixo nos grandes centros urbanos, até ser despejado no lixão. O catador também (re)significa o lixo, a partir do momento que sua relação com o mesmo é vista como forma de trabalho, de ganhar a vida, um meio de sobrevivência.

O segundo personagem, Sebastião Carlos dos Santos, o Tião, se apresenta como o presidente da Cooperativa local, a Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do Jardim Gramacho, o lixão e o lixo fazem parte de sua vida desde os 11 anos de idade. Mostra-se como um leitor assíduo dos livros encontrados no lixão, tornando o lixo um instrumento para exercer a liderança e tentar transformar a realidade da qual faz parte. Tião busca organizar o grupo de recicladores para potencializar a força da classe junto ao poder público.

(06) Ler é fundamental! Tem pessoas que são muito loucas, compram um *livro*, lê e joga fora. Isso é um absurdo. Uma vez

o Zumbi me trouxe um livro “Quando Nietzsche chorou”, pô, esse livro tá sendo vendido ainda, eu vi ontem, pô, esse *livro custa caro*. Então parece que a pessoa mal leu e já jogou fora. Que bom que tem o Zumbi que cata e traz. E os outros que rasga mesmo, isso aqui é material reciclável?! O Zumbi sabe separar. Não deixa passar batido, traz pra cá pra gente colocar e *poder ler*. (Tião)

(07) Tava andando no lixo e vi aquele *livro grosso* assim ( ), todo enxorurado e tava escrito assim: Príncipe de Maquiavel e aí me deu uma neurose de ler. Botei atrás da geladeira pra secar, quando secou eu comecei a ler e aí com aquelas coisas (..) Maquiavel ele escreve sobre todos os príncipes da época, daquela época de Florença, *daquela loucura toda que me lembra muito o Rio de Janeiro hoje, né? Vários lugares cada um com as suas regras* com seus... Não tinha aquelas coisas (?) ...comecei a ler e fui gostando, Ele falava sobre... o próprio Moisés que se tornou um *líder* porque falava diretamente com Deus. Cesare Borgia porque era um papa perverso, Então aquela coisa foi... Ainda mais porque eu tava me tornando... eu era o começo de tornar *liderança*. Foi aí que *eu aprendi*.(Tião)

No excerto anterior, o lixo é transformado em uma possibilidade de aprender a liderar. Isso porque o que marca o discurso de Tião é o valor do que ele encontra no lixo. Nesse caso não se trata apenas de um valor capital, buscado para sustento de si e de sua família, mas um valor simbólico que faz referência aos imaginários de liderança. Os livros “Quando Nietzsche chorou”, de Irvin D Yalom, e “O príncipe”, de Maquiavel servem de inspiração para Tião, que encontra na leitura a possibilidade de transitar para um outro mundo. A leitura, em si, carrega um imaginário transformador. É por meio do conhecimento suscitado pela leitura que esse sujeito passa a sonhar com outra realidade que não a experimentada no lixão. Tião vislumbra uma sociedade mais igualitária e acredita ser possível melhorar a condição dos recicladores do lixão, por meio da luta pelos direitos.

A terceira personagem é Suelem Pereira Dias, 18 anos, trabalha com lixo desde os sete, mãe de dois filhos e está grávida do terceiro. Ela diz que o pai das crianças trabalha em uma boca de fumo e que ela não pode contar com ele para o sustento da casa. O contato com diferentes formas de violência marca a história de vida da personagem. No documentário, a catadora está trabalhando à noite na coleta de lixo. Sob a luz de uma lanterna ela vai selecionando os materiais e jogando dentro de um grande saco.



(08) é melhor do que de dia, tem menos gente. É melhor do que tá aí oh como muitas, se prostituindo. A gente tá *trabalhando honestamente* e tá *ganhando o nosso*. Eu trabalho desde os sete anos. Eu tenho 18. (Suelem)

(09) Eu como o que eu acho por aí. Eu pego (?) aí vem Danone, o que vem a gente vai botando pra dentro. Se não morreu não tá ruim, Ainda tá dando pra viver. Vira e mexe a gente vê coisa que não é agradável. Tipo da outra vez que eu subi que eu passei mal e tudo...um neném que teve (?) na rampinha. Eu fui durinha pra trás. Me lembrei logo dos meus.(Suelem)

(10) Eu me *orgulho de trabalhar*. Pelo menos *não tô* em boca de fumo fazendo esse negócio de *tráfico* e não to me *prostituindo* igual meninas novas aí, bonitas, podendo tá tentando alguma coisa na vida, não... Prefere tá aí, oh... se jogando na rua, se prostituindo... (Suelem)

No relato de Suelem, percebe-se uma jovem que reproduz a pouca perspectiva de futuro que lhe é destinada. Apesar de manter um sonho (o de cuidar de crianças), se vê às margens da sociedade desde a infância, repetindo um ciclo de pobreza e descaso já vivenciado por sua mãe, incluindo a violência doméstica e a responsabilidade de cuidar sozinha dos filhos. O baixo grau de instrução a condena a alternativas de trabalho pouquíssimo atrativas: o tráfico, prostituição ou trabalhar no lixão (excertos 08 e 10). A escolha feita em lidar com o lixo é motivo de orgulho para ela. Em sua fala, nota-se um reforço a um discurso pertencente ao imaginário social sobre aquilo que seria um trabalho honesto.

O discurso silenciado de Suelem pode ser compreendido como fruto de uma infância não vivenciada, atravessada pelo trabalho infantil. Ao evidenciar o trabalho no lixão desde os sete anos, outro sentido que não está dito pode ser construído a partir dessa fala. Suelem é vítima de uma sociedade excludente.

No excerto 09, Suelem evidencia a solução que tem para matar a fome, alimentando-se do que encontra no lixão. Ela se recorda de um fato que a fez desmaiar: a visão do corpo de um bebê que a fez lembrar-se dos próprios filhos. O que está no dito é esse choque com o inesperado e esse inesperado é um feto. Enquanto, na verdade, tudo que vivencia não deixa de ser chocante aos olhos de quem vê as imagens do lixão, fazendo uma referência aqui a Didi-Huberman (1998) com *O que vemos, o que nos olha*: “o que vemos só vale, só

vive em nossos olhos pelo que nos olha” (p. 29), ou seja, o que vemos só nos toca ou é tocado por nós se houver um sentido, uma significação.

### Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar discursivamente fragmentos narrativos dos sujeitos que lidam com o lixo no documentário *Lixo Extraordinário*, no que se relaciona à (re)significação e à resistência. Dessa forma, ao descartar o lixo, não se imagina que ele possa ser recuperado por outras pessoas e (re)significado. Os catadores fazem a separação e aumentam a vida útil desses materiais, conferindo novos sentidos ao que era considerado como lixo.

Na atividade de reciclagem, percebe-se um movimento de resistência, pois, os sujeitos, ao (re) significar o lixo, no processo de reciclagem há a criação de uma nova forma de sobreviver. Os sujeitos, apesar de viverem às margens dessa sociedade que produz o lixo, usam e atribuem outro sentido às sobras sociais. Eles despontam no alto de uma montanha de lixo e mesmo que se tente invisibilizá-los, escondê-los, eles resistem e reinventam a própria sobrevivência. O aterro funciona como um tapete para onde é varrido tudo o que se quer esconder.

### Referências

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Trd. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CALVINO, Ítalo. La pobbelleagreee. In: **O caminho de San Giovanni**. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das letras, 2000. P. 77-101.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. Trad. Paulo Neve. São Paulo: Editora 34, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.